

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

Andréa Franklin Carvalho, Camila Loureiro Barbosa, Carla Patrícia Pacheco Teixeira, Clécia Rufino de Santana, Etienne Amorim Albino da Silva, Fausta Calado Silva, Felipe Eduardo Araújo de Carvalho, Maria Auxiliadora Leal Correia, Maria Sarah Cordeiro Vidal, Cirdes Moreira¹

RESUMO: *O presente artigo tem o propósito de apresentar a construção do Diagnóstico Rápido Participativo – DRP da Comunidade de A Ver-o-Mar, localizada no município de Sirinhaém, Litoral Sul do Estado de Pernambuco. O envolvimento dessa comunidade no respectivo trabalho surgiu a partir do Projeto Internacional de Pesquisa sobre Comunidades Costeiras, financiado pela Coast Community Health Network – CCHN – e Research Developmmt Initiative – RDI -, que tem como executoras a Universidade Federal Rural de Pernambuco (Brasil), Universidad Cienfuegos (Cuba), Universidad de San Sebastián (Chile), idealizado com o objetivo de refletir sobre a inclusão social e apoiar no processo de divulgação turística da região. Nesse contexto, buscou-se analisar o processo à luz de três aspectos teóricos, abordados a seguir, que são: Desenvolvimento Local Sustentável, Análise do Discurso e Metodologias Participativas. Para a elaboração desse trabalho, foram realizadas visitas técnicas de observação e posterior preparação e desenvolvimento de uma oficina de DRP. Na oficina de Diagnóstico Participativo, houve o levantamento das potencialidades e dos pontos de estrangulamento do grupo, bem como das interferências positivas e negativas na sua gestão, havendo ainda o resgate de sua história. Fazendo uso de técnicas de visualização e moderação, as atividades foram orientadas de forma que as pessoas trabalhassem, inicialmente, nos subgrupos, favorecendo uma maior participação na elaboração das contribuições para, em seguida, realizarem apresentações em plenária, tendo em vista a convergência dos resultados. Com o intuito de expandir essa proposta, pretende-se, com o artigo, contribuir para estimular um processo sustentável e solidário de desenvolvimento local na citada comunidade.*

Palavras-chave: Metodologias Participativas; Comunidades costeiras; Desenvolvimento local

INTRODUÇÃO

O ensaio tem o propósito de apresentar a construção do Diagnóstico Rápido Participativo – DRP na Comunidade de A Ver-o-Mar que se localiza na microrregião da Mata meridional de Pernambuco, estando distante do centro municipal de Sirinhaém; do distrito de Ibiratinga; e dos povoados da Usina Trapiche, da Agrovila Trapiche e do Santo Amaro. Assim, uma das primeiras deficiências observadas é o seu isolamento geográfico, sobretudo da estrada que dá acesso às praias mais próximas.

O envolvimento dessa comunidade no respectivo trabalho surgiu a partir do Projeto Internacional de Pesquisa sobre Comunidades Costeiras, financiado pela Coast Community Health Network – CCHN – e Research Developmmt Initiative – RDI -, que tem como executoras

¹ Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, Departamento de Educação/Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. posmex@yahoo.com.br. Orientadora: Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, Professora Doutora em Sociologia/Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE / Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX. rosario@ufrpe.br.

a Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE (Brasil), Universidad Cienfuegos (Cuba), Universidad de San Sebastián (Chile), idealizado com o objetivo de refletir sobre a inclusão social e apoiar no processo de divulgação turística da região.

A UFRPE tem contribuído no processo de desenvolvimento local, a partir de diversas áreas de conhecimento, destacando-se o POSMEX no processo de intervenção.

Nesse contexto, é de interesse do mestrado: POSMEX – Programa de Extensão Rural e Desenvolvimento Local discutir os problemas de exclusão social, em todos os aspectos sofridos pelas populações de contextos populares. A comunicação/extensão contempla duas ações fundamentais para a vice-coordenadora do programa, Tauk Santos:

- 1 – a pesquisa na perspectiva das mediações culturais e das reconversões culturais dos atores e do processo de desenvolvimento;
- 2 – a formação de gestores de processos comunicacionais capazes de promover a concertação dos atores envolvidos, na consecução dos objetivos que caracterizam o desenvolvimento comunitário.²

A Comunidade de A Ver-o-Mar é carente de ações em prol do desenvolvimento sustentável, por isso torna-se um local de estudo em potencial para os pesquisadores do POSMEX como gestores comunicacionais para promover mudanças.

Assim, a Oficina de Diagnóstico Participativo – DRP na Comunidade de A Ver-o-Mar tem como objetivo descobrir potencialidades, levantar a auto-estima e conhecer os aspectos estranguladores ao desenvolvimento local.

1- OFICINA DE DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

1.1-História da comunidade

No dia 14 de junho de 2005, em face ao desenvolvimento da Oficina de Diagnóstico Participativo – DRP - na Comunidade de A Ver-o-Mar, foi relatada a história da comunidade como uma das etapas da metodologia aplicada.

Das 38 pessoas presentes na oficina, cinco com idade mais avançada foram indicadas para desenvolver o relato, tendo em vista o acúmulo de conhecimento histórico dessa geração.

O trabalho do grupo foi apoiado por um facilitador, que propôs definir um ano referencial importante para ser considerado como início da cronologia dos fatos a serem relatados. O ano escolhido foi marcado pela venda das terras da localidade para um português, Sr. Alípio Moreira, em 1973, para fins imobiliários, pelo antigo proprietário, Sr. Ivanildo Avelar, do qual a maioria da população local era moradora.

Observou-se uma grande dificuldade em relação à exposição da história. Para despertar o interesse, abordou-se sobre a qualidade de vida da comunidade, havendo uma reação para citar que, atualmente, as pessoas se sentem mais livres do que quando eram moradoras.

“com o português foi melhor, porque antes a gente morava aqui com a porteira fechada” (Alaíde)

Nesse contexto, como cita Thompson (1981, p. 70) apud Mesquita (1995, p. 33):

² TAUK SANTOS, M. S. Comunicação rural – velho objeto, nova abordagem, mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In: LOPES, M.L.V. de; FRAU-MEIGS, D.; TAUK SANTOS, M.S. **Comunicação e Informação**: identidades sem fronteiras. São Paulo: intercom; Recife: Bargaço, 2000. p.299.

... o passado não é uma agregação de histórias discretas e sim um conjunto unitário de comportamentos humanos em que cada aspecto se relaciona de determinada maneira com os outros, analogamente a como os atores individuais entram entre si em determinadas relações (...). Os processos acabados de mudança histórica, com suas intrincadas relações causais, ocorrem de verdade e a historiografia pode entendê-los mal ou falseá-los, mas não pode de nenhuma forma modificar o estatuto ontológico do passado. O objetivo da disciplina histórica é alcançar esta verdade da história.

Em 1975, o novo proprietário realizou levantamento topográfico da área e iniciou a venda dos lotes, trazendo inclusive a FICAM (COHAB) para financiar as construções das casas. Das 30 famílias habitantes da comunidade, cerca de 10 adquiriram uma casa financiada, as demais, por não terem renda fixa, não contraíram o empréstimo.

Em 1983, houve a retirada das famílias que moravam na praia, culminando com a demolição das suas casas. Tal situação foi relevada pela promessa das famílias habitarem uma vila construída para as abrigar, porém isso não ocorreu, fazendo com que estas fossem abrigadas em casas de parentes na própria comunidade.

Percebe-se que, apesar deste fato, as famílias atualmente têm uma certa restrição em relação ao pessoal que mora e vive de negócios na praia, pois este é considerado forasteiro e, conforme declaração “desorganizam a beira-mar”.

A década de oitenta foi bastante significativa. Em 1985, a comunidade conseguiu que a gestão municipal implantasse energia elétrica, escola e posto de saúde. Em 1987, iniciou a circulação de um ônibus escolar e outro para transporte dos/as moradores/as.

Outro fato destacado foi a fundação da associação comunitária em 1995, marcada por projetos voltados a pesca.

A partir daí, eles não lembravam de mais nenhum fato importante, mesmo sendo perguntado diversas vezes.

Após todo o relato dos fatos, o facilitador indagou novamente aos participantes sobre a qualidade de vida na comunidade no momento atual, em relação ao tempo do antigo proprietário e, talvez pela memória ali vivenciada das relações, entre a comunidade e o atual proprietário, o discurso mudou para:

“com ruindade e tudo, é bem melhor com o atual proprietário” (Zinha)

Cabe ainda destacar que, ao término de todos os trabalhos, ou seja, quando o grupão de 38 pessoas se reuniu, Zinha apresentou o resultado da oficina de história da comunidade, para todos e houve um destaque na avaliação final de que aquele dia “foi bom porque podemos reviver o passado da comunidade”.

1.2-O Diagrama de Venn

O Diagrama de Venn foi também uma ferramenta utilizada durante a oficina. Teve como objetivo primordial mostrar o papel das diferentes pessoas, grupos e instituições dentro ou fora da comunidade que promovam impactos (influência) na vida da comunidade, como se relacionam. O trabalho foi realizado em plenária, onde o moderador fazia perguntas orientadoras e ia, em concordância com a plenária, construindo o painel.

Os resultados demonstram que a Associação tem relacionamento estreito com a igreja, ou seja, existe um forte laço entre os membros da comunidade e as diversas religiões ou seitas, presentes na comunidade. Estes laços não são unidirecionais, são de mão dupla, assim como a

relação existente entre a Prefeitura Municipal e a Associação, já que esta relação é bem representada pela presença do poder municipal nas reivindicações da comunidade na vida corrente de A Ver-o-Mar. Esta realidade se complementa com a Unidade de Saúde da Família, que é representada pela presença do poder municipal no apoio à melhoria nas condições de saúde da população.

Outra relação que o grupo considerou ser de mão dupla e ser forte é a que se representa com o Conselho Municipal de Desenvolvimento de Sirinhaém, consolidada na participação e discussão dos problemas existentes no Município e na comunidade, bem como na solicitação de projetos que são viabilizados pela participação dos grupos organizados na reunião do CDM. Outra relação que se torna estreita e forte, com a Associação, é representada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, através do apoio à organização do grupo e ao desenvolvimento da atividade de artesanato.

As relações que foram identificadas como relações frágeis e conflituosas estão representadas pelos veranistas e forasteiros (pessoas que não nasceram na comunidade e hoje estão residindo em A Ver-o-Mar). Os fatos estão presentes na vida corriqueira das reuniões da Associação. Existem muitas dificuldades entre um bom relacionamento dos membros da associação com essas duas categorias, os forasteiros e os veranistas, apesar de serem importantes elementos à construção de um projeto de desenvolvimento para a associação. O fato de estas relações estarem comprovadas requer algumas intervenções de caráter organizacional e merecem, ao mesmo tempo, um maior aprofundamento por parte do grupo.

Outra fragilidade que foi detectada pelo Diagrama de Venn refere-se às relações que pouco se fazem presentes pelo grupo, apesar da importância estratégica de captação de recursos e projetos para o fortalecimento com a associação. Estas são representadas pela pouca relação existente entre a associação e o SENAI, SENAC, PROMATA, Projeto RENASCER e o SEBRAE. São instituições que precisam ser contactadas para que se possa fortalecer a organização e apoiar os projetos de desenvolvimento produtivo da associação.

CONCLUSÃO

Ressaltamos que esta comunidade, há algumas décadas, encontrava-se à beira-mar, mas, como mencionamos anteriormente, a intervenção do português Alípio Moreira modificou este quadro. Verificamos que não existiu nenhum planejamento e análise de condições estruturais, por parte dos moradores nem das entidades locais, sobre os aspectos sociais, econômicos e ecológicos da região. Por conseguinte, gerou-se uma carência de ações governamentais e não-governamentais para o desenvolvimento da Comunidade de A Ver-o-Mar.

Nesse sentido, Carlos Jara³ vislumbra no desenvolvimento local uma alternativa, por ser um processo inerentemente endógeno capaz de melhorar as condições de vida, produção e trabalho de populações que se localizam em espaços territoriais menores, orientando-se pelos “princípios de sustentabilidade, equidade social, eficiência econômica, democracia política, conservação ambiental e diversidade cultural”.

Já Costabeber e Caporal⁴ entendem como desenvolvimento local a realização de potencialidades sociais, culturais e econômicas de uma sociedade, em sintonia com o meio ambiente e com os valores éticos e políticos. E a sustentabilidade, para os autores, deve ser

³ JARA, Carlos Julio. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA); Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco-Seplan, 1998, 305.

⁴ COSTABEBER, José Antônio; CAPORAL, Francisco Roberto. **Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável...** (Pegar com Etienne)

estudada como uma busca incessante de pontos de equilíbrio em uma perspectiva multidimensional: ecológica, econômica, social (primeiro nível); cultural, política (segundo nível) e ética (terceiro nível).

Sobre a definição de desenvolvimento sustentável, Augusto Franco afirma que há um consenso “ao não esgotamento dos recursos naturais que serão necessários às gerações futuras”.⁵ Porém essa é uma visão reducionista que prioriza apenas a gestão racional dos recursos. Primordialmente, a sustentabilidade, para o autor, é a organização de um sistema que se mantém ao longo do tempo em virtude de ter adquirido certas características que lhe conferem capacidades autocriativas. Ele afirma que não se pode confundir sustentabilidade com durabilidade, pois, se é sustentável, é durável, porque é capaz de se organizar, de se reproduzir e de criar condições para sua continuidade.⁶

Através de uma pesquisa exploratória, observamos, na entrevista com a comunidade, que os moradores são carentes de ações governamentais e mantêm-se desinformados dos programas públicos, tais como: instrumentos de planejamento municipal, políticas e programas habitacionais, programas de geração de trabalho e renda. Segundo dados do IBGE⁷, a Comunidade de A Ver-o-Mar demonstra uma realidade precária, pois lhe faltam: saneamento básico, escolas, hospitais e outros fatores que implicam qualidade de vida.

Segundo Carlos Jara⁸, há uma necessidade de encontrar metodologias práticas para extrair as energias criadoras (endógenas) do interior da vida cultural das comunidades para a promoção do desenvolvimento sustentável local. De acordo com tal reflexão, as Oficinas de Diagnóstico Rural Participativo da Comunidade de A Ver-o-Mar tiveram este propósito. Por meio de uma metodologia de orientação com trabalho em plenária, numa dessas oficinas foram levantados os principais pontos negativos e positivos relacionados à produção, à organização, à Infra-estrutura e ao Meio Ambiente, através do próprio discurso da comunidade.

Em relação aos aspectos positivos: à produção (atividades de pesca, artesanato, construção civil e serviço caseiro); à organização (sede própria, número bom de participantes nas reuniões, participação dos associados, grupo de artesanato em formação e chegada de computadores para a sede); à infra-estrutura (água encanada nas residências, todas as casas com alvenaria, energia elétrica, coleta de lixo regular, posto de saúde funcionando e escola de primeiro grau); ao meio ambiente (faixa de praia próxima à comunidade, presença de mata atlântica e manguezal).

Já relativo às características negativas: à produção (dificuldade na comercialização do pescado e do artesanato, como também ausência de linhas de crédito acessíveis para o grupo); à organização (falha no processo de comunicação entre associados, pouca participação das instituições na comunidade, existência de muitos conflitos entre associados, desunião entre os associados, dificuldade em aceitar críticas nas reuniões); à infra-estrutura (deficiência no número de moradias e transporte alternativo, inexistência de uma rede de saneamento básico e alto valor dos terrenos); ao meio ambiente (presença de um chiqueiro de porco na beira do mangue, desmatamento do mangue para construção de viveiro de camarão, conivência dos órgãos ambientais com o desmatamento e pesca predatória - pesca do polvo, rede de camboia e com água sanitária).

⁵FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. Brasília: Instituto de Política 2º edição, p.11.

⁶ Ibid., p.45.

⁷ Fonte: IBGE, **Perfil dos Municípios Brasileiros - Gestão Pública 2001**, <http://www.ibge.gov.br/munic2001/index.htm> dia:27/05/2005 e Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidades@> dia:27/05/2005.

⁸ JARA, op. cit., p. 72.

No depoimento de Alaíde, dona de casa e participante do projeto de artesanato, ao declarar: “com o português foi melhor, porque antes agente morava aqui com a porteira fechada”, observamos o grande desafio do desenvolvimento sustentável, segundo Jara⁹, que é anular as práticas autoritárias, partenalistas e clientelistas. Pois, para o autor, tais práticas contribuem para manutenção e reprodução do poder que fica sob o controle dos grupos economicamente dominantes. De modo que ficam dependentes e avessos a qualquer tipo de mudança. Por isso, é fundamental que os atores sociais protagonizem e construam o seu próprio destino.

⁹ Ibid., p 269-275.